



EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO ESCOLAR: CONSTRUINDO SABERES A PARTIR DO DIÁLOGO E DE PRÁTICAS FORMATIVAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FLORIANO/PI

Simone Pereira Ferreira¹; Maurício dos Santos Araújo²; Clêiany Costa de Sousa³; Sintiane Maria de Sá Lima⁴; Sebastiana Ceci Sousa⁵

Resumo: A educação sexual dentro das escolas brasileiras era tida como “tabu”. O início da vida sexual dos adolescentes cada vez mais cedo, torna-se um dos problemas enfrentado pelos pais e para a escola nos dias atuais, devido muitas vezes, à falta de diálogo entre pais e filhos. O presente artigo tem como objetivo analisar as percepções dos alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública em Floriano/PI, acerca da temática educação sexual, bem como da importância do esclarecimento mais amplo sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DST’s). Adotou-se uma pesquisa de cunho qualitativo e quantitativo, com observações *in loco*. Os instrumentos de coleta de dados foram dois questionários semiestruturados aplicados em dois momentos distintos com 27 (vinte e sete) alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública de Floriano/PI, o primeiro objetivando diagnosticar as percepções dos alunos sobre a temática. Logo após, foi realizada uma dinâmica como atividade didático-pedagógica para orientação de forma lúdica, e esclarecimento de dúvidas sobre a temática, executada pelos autores deste artigo. Posteriormente, aplicou-se o segundo questionário para analisar as contribuições proporcionadas para estes alunos. Identificou mediante a análise dos questionários e falas dos sujeitos da pesquisa, que a grande maioria não conversa com os pais sobre sexualidade e não sabiam informações básicas sobre as principais doenças que poderiam acometê-los sem medidas preventivas. Portanto, cabe aos pais juntamente com a escola trabalharem de forma conjunta, esclarecendo dúvidas e dando suporte a estes estudantes, uma vez que, certamente esse é um período de grandes mudanças em suas vidas.

Palavras-chave: Educação sexual, DST’s, Medidas preventivas.

1 INTRODUÇÃO

A educação sexual dentro das escolas brasileiras era visualizada como “tabu”. Por isso, muitos professores sentiam dificuldades em trabalhar com alguns temas como: gravidez na adolescência, aborto, respeito a diversidade, início da vida sexual entres outros, pois não conheciam a realidade de seus alunos (GROFF, 2016). Além disso, os alunos sentem vergonha em abordar essas questões em sala de aula, devido à falta de informação. Pesquisas recentes sobre o tema educação sexual revelam que esta abordagem dentro da escola não retarda o início da vida sexual

¹ Discente do curso de Ciências Biológicas do *Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Floriano*. e-mail: simonepf.bio13@gmail.com; ²Discente do curso de Ciências Biológicas do *Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Floriano*. e-mail: mauriciosanges11@hotmail.com; ³ Discente do curso de Ciências Biológicas do *Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Floriano*. e-mail: cleianny156@hotmail.com; ⁴Discente do curso de Ciências Biológicas do *Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Floriano*. e-mail: sintiane.lima@hotmail.com; ⁵Docente das Disciplinas pedagógicas do curso de Ciências Biológicas do *Instituto Federal do Piauí – IFPI, Campus Floriano*. e-mail: sceci-sousa@hotmail.com.



dos adolescentes, devido o início desta atividade ter sido precoce, mas é eficaz na redução significativa de casos de riscos que poderiam vir a contê-los por falta de informações básicas (AMAUGO, 2014; FONNER, 2014; MATICKA; MUNGWETE; JAYEOBA, 2014).

Quando o adolescente está chegando à fase da puberdade, começa a passar por várias transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas, comportamentais e sociais que é evidenciada no momento da construção da identidade, especificamente, aquelas relacionadas com a sexualidade (STRADIOTTI et al., 2015). A falta de informação muitas vezes, pode trazer prejuízos à saúde dos adolescentes. O início da vida sexual cada vez mais cedo sem a utilização de medidas preventivas traz consigo grandes riscos, podendo contrair algumas DST's, como por exemplo, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) - o HIV, Sífilis, gonorreia entre outras que podem vir acometer, caso não estejam prevenidos (MUROYA; AUAD; BRÊTAS, 2011).

As doenças sexualmente transmissíveis (DST's) são consideradas um problema de saúde pública em todo mundo. Acomete principalmente os adolescentes devido à falta de informação e de medidas preventivas, uma vez que, começam desde cedo sua vida sexual. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) no último censo realizado em 2008, cerca de 10,3 milhões de brasileiros já foram notificados com manifestação de alguns sintomas de DST's, como por exemplo, a sífilis, vírus do papiloma humano (HPV), gonorreia, herpes genital entre outras. Sendo um total de 6,6 milhões de homens e 3,7 milhões de mulheres. Segundo esse órgão, 18% dos homens e 11,4% das mulheres procuram orientações médicas (BRASIL, 2008).

Os adolescentes cada dia estão mais conectados, seja utilizando as redes sociais, seja os recursos tecnológicos, como: televisão, computadores, *smartphones*, *tablets*, celulares entre outros. Esse leque de informações colabora com a tomada de decisões, uma vez que esses adolescentes estão construindo sua identidade (STURION, 2015). Portanto, a escola deve atuar como um agente informativo, contribuindo com a construção de um entendimento consciente e a valorização de atitudes certas com hábitos saudáveis (SCHALET, 2014), visto que a maioria dos pais não conversa com seus filhos sobre sexualidade, delegam essa função à escola, aos profissionais da saúde e a sociedade. Sendo-os de extrema relevância nesse primeiro contato com o núcleo familiar, para que esses adolescentes se sintam seguros e apoiados pela família (DYSON, 2010).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a temática educação sexual, trata a sexualidade como um processo inerente a vida e saúde do ser humano que acomete desde cedo (BRASIL, 1998). Neste sentido, muitas escolas abordam este assunto, trabalhando-o nos conteúdos de: aparelho reprodutivo no currículo de Ciências Naturais, abordando algumas



peculiaridades de forma fragmentadas, abordando a reprodução humana, informações relativas à anatomia humana e fisiologia do corpo humano. Em consonância com isso, o professor tem um papel importante nessa prática educativa, mediante abordagem informativa, propiciará a todos os seus alunos a formação necessária para que possam se prevenir de DST's que acometem grande parte dos adolescentes. Desse modo, deve promover a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de seus direitos e deveres em sociedade (FURLANI, 2007).

O presente Artigo tem como objetivo analisar as percepções dos alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola pública em Floriano/PI, acerca da temática educação sexual, bem como a importância do esclarecimento mais amplo sobre as doenças sexualmente transmissíveis (DST's).

2 METODOLOGIA

2.1 Caracterização da amostra

Adotou-se uma pesquisa de Natureza qualitativa e quantitativa com enfoque descritivo que segundo Marconi e Lakatos (2011) visa compreender os aspectos descritos da realidade que os sujeitos estão inseridos. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado inicialmente observações *in loco*, em seguida dois questionários semiestruturados aplicados em dois momentos distintos aos sujeitos da pesquisa: 27 (vinte e sete) alunos do 1º ano ensino médio, de uma escola pública estadual na cidade de Floriano/PI que versava sobre os aspectos relacionados à temática educação sexual.

2.2 Atividades desenvolvidas

No primeiro momento, foi aplicado o questionário diagnóstico com os alunos, visando analisar as percepções sobre a temática: educação sexual. Após a análise descrita nos questionários, foi realizada uma atividade de intervenção em sala de aula, pelos pesquisadores, autores deste artigo. Inicialmente foi proposto aos alunos, sujeitos da pesquisa, a realização de uma dinâmica que tinha como propósito demonstrar como ocorre a transmissão de uma doença sexualmente transmissível de forma simples e rápida, quando há relação sexual com mais de uma pessoa sem a utilização de medidas preventivas.

Na dinâmica, utilizou-se uma atividade didático-pedagógica para orientação de forma lúdica – a dinâmica dos balões. Os alunos tinham que encher um balão que estavam de posse, cada um com cores diferentes. Simulou-se uma festa dentro da sala de aula com intermédio de uma música eletrônica. Assim, todos os participantes tinham que jogar o balão para o alto, uma vez que, teria



contato com os demais no momento do lançamento (BRASIL, 2000). Essa atividade representava uma relação sexual de uma pessoa com várias outras, sem a utilização de métodos contraceptivos. A dinâmica que prevê o encontro dos balões de três cores diferentes (azul, amarelo e vermelho) simboliza a maneira como uma doença sexualmente transmissível pode acometê-los, caso não estejam prevenidos durante a relação sexual. Logo após a execução da dinâmica, os pesquisadores elucidaram o significado de cada cor dos balões, sendo o azul um indivíduo sem nenhuma DST's, a cor amarela representava uma pessoa portadora de alguma doença sexualmente transmissível e a cor vermelha representava uma pessoa que contraiu o vírus do HIV.

Finalmente, aplicou-se o segundo questionário com os alunos, para analisar as contribuições da atividade didático-pedagógica de orientação aos estudantes sobre educação sexual, realizada pelos pesquisadores, autores deste artigo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante a execução deste estudo, buscou-se trabalhar o tema educação sexual no contexto escolar, mediada pelo diálogo e por práticas formativas, levando aos alunos a desligarem-se de uma visão séssil, que muitas vezes é vista como um “tabu” e buscar informá-los, mediante o diálogo com os pais e as informações prévias que possuem. Quando foi abordado o tema de educação sexual em sala de aula, observou cerca de, 63% dos alunos como mostra a tabela 01, não conversam com seus pais sobre o assunto sexualidade, havendo o distanciamento no momento mais importante da vida- a adolescência. Evidenciou que ainda, 81% dos alunos possuem vida sexual ativa. No entanto, cerca de, 25% destes alunos não se previnem durante a relação sexual, podendo contrair alguma DST's.

Tabela 01 – Informações gerais sobre educação sexual apresentadas pelos estudantes.

Pontos norteadores sobre a educação sexual	Afirmações feitas pelos alunos (%)	
	Sim	Não
Diálogo com os pais sobre a temática sexualidade	37%	63%
Vida sexual ativa	81%	19%
Prevenção durante o ato sexual	75%	25%

Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Como vimos, o percentual de estudantes que dialogam com os pais sobre a orientação sexual é mínimo, entendemos que, apesar da constante difusão de informações nas escolas mediante a utilização midiática sobre sexualidade, o diálogo entre pais e filhos faz-se necessário sempre. Essa



transição para a adolescente é acarretada de dúvidas e anseios. Portanto, “o diálogo deve ser uma prática comum, os filhos devem se sentir à vontade para expor suas dúvidas e percepções.” (SCHOELZE; DIAS, 2004, p. 142). Autores revelam em suas pesquisas que o diálogo entre pais e filhos não são tão comuns por vários fatores, um deles é o medo das reações dos pais em relação às dúvidas ou vivências sexuais expostas pelos filhos, intimidando-os terem esse diálogo aberto (MENEGUETTI; GOMES, 2004).

A realidade investigada sinaliza que mantêm relações sexuais regulares, ou seja, 81% dos estudantes têm uma vida sexual ativa. O início da vida sexual pelos adolescentes está cada dia mais precoce. Em uma pesquisa realizada com 603 alunos de faixa etária de 14 a 19 anos, no município de Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil, no ano de 2010, objetivou identificar a idade média da primeira relação sexual e se os adolescentes usavam preservativo durante a relação sexual. Constatou-se que, a partir dos 17 anos esses adolescentes já começavam sua vida sexual, além disso, evidenciou-se que, o uso de preservativo era mais comum por mulheres e 27,95% dos adolescentes não usavam preservativos na primeira relação sexual, sendo 66,26% do sexo masculino apresentando vulnerabilidade em relação às DST's (SILVA et al., 2015).

A prevenção é o melhor mecanismo de proteção contra DST's. Levando em consideração esta informação, 75% dos alunos previnem-se durante o ato sexual, como mostra a tabela 01, no entanto 25% dos alunos afirmam que não tomam tal medida, podendo adquirir alguma doença durante a relação sexual. Portanto, deve-se antes de tudo promover uma conscientização para os alunos, seja com palestras informativas, seja com atividades didático-pedagógicas, para que possa ser construído um entendimento de prevenção como mecanismo de manutenção da saúde humana,

Na atividade de caráter dinâmico, foi proposto aos alunos que enchessem um balão, para isso, cada um possuía uma cor: amarelo, azul e vermelho, como mostra a figura 01. Os balões foram marcados com o nome de cada aluno, o azul representava uma pessoa saudável, o branco alguém com DST's e em vermelho representava um portador do HIV. Após soltarem os balões ao ar, ocorreu o contato entre eles, no decorrer da dinâmica, comparou a dinâmica a uma festa, sendo que cada pessoa estivessem se relacionando sexualmente com outras sem proteção. Contudo, a dinâmica veio como um instrumento informativo criando nos alunos um olhar preventivo para que possam se proteger em qualquer situação.



Figura 01 – Dinâmica realizada com os alunos, sujeitos da pesquisa, sobre as DST's



Fonte: Dados empíricos da pesquisa (2016).

Após a realização das atividades trabalhadas em sala de aula, através da dinâmica didático-pedagógica de forma lúdica, perguntou-se aos alunos de que forma essa abordagem informativa e formativa contribuiu para a construção de uma nova perspectiva sobre a educação sexual:

“Nunca pensei que poderia ser tão fácil adquirir alguma doença sexualmente transmissível, e por meio das explicações em sala e a dinâmica, pude compreender realmente como isso acontece.” (Aluna A).

“Realmente é muito perigoso transar sem camisinha, mas às vezes não lembro de usar e continuo.” (Aluno B).

“Em relação à gravidez, no momento da ejaculação meu parceiro, ejacula fora e nunca aconteceu nada.” (Aluna C).

“Não tive minha primeira relação sexual, mas sei que é importante para prevenir doenças”. (Aluna D).

“Ficou fácil entender como essas doenças passam de uma pessoa para outra.” (Aluno E).

“Tem que se usar preservativo para se proteger da AIDS.” (Aluno F)

Ao analisar as falas dos alunos, evidenciou que a aluna “A”, existe a falta de informação em relação à educação sexual, principalmente sobre os perigos que podem vir a acometê-los, necessitando de práticas informativas pelo núcleo escolar e a família. Por outro lado, o aluno “B” assume realmente que este ato é perigoso sem as devidas medidas preventivas, mas continua mesmo sabendo que pode contrair alguma DST's. Além disso, a aluna “C” pratica um ato conhecido como *coito interrompido* que consiste na retirada do pênis de dentro da vagina segundos antes da ejaculação, para que não ocorra a deposição de sêmen. No entanto, estão propícios a contraírem alguma doença devido à falta de proteção.



Tendo como base a fala da Aluna “C”, essa questão apontada por ela abre um leque de discussão. Esse método não é efetivamente confiável, sendo que esses indivíduos estão plenamente vulneráveis a quaisquer tipos de doenças sexualmente transmissíveis. Outro ponto importante, há grande chance de contrair uma gravidez precoce, uma vez que, pode se tornar um problema de saúde pública, devido aos impactos socioeconômicos e emocionais que podem a vir a acometer (GIL, 2002).

A aluna “D” não teve sua primeira relação sexual, no entanto, sabe a importância da utilização de preservativos para se proteger de doenças sexualmente transmissíveis no momento do ato sexual. O aluno “F” entende que é importante usar o preservativo para se proteger da AIDS, porém apresenta uma visão restrita sobre a principal função do preservativo que é proteger de todas as DST’s.

Quando se refere à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida - AIDS, muitos alunos não conhecem como ocorre a infecção pelo vírus HIV, como demonstra o fragmento a seguir, apresentado pelo informativo da Secretaria Municipal de Saúde de Brasília-DF:

Hoje, mesmo sabendo que o HIV de uma pessoa infectada se encontra no sangue, no líquido, claro que sai do pênis antes da ejaculação, no esperma, na secreção vaginal, e que objetos infectados por essas substâncias e o leite da mãe soropositiva também contêm o HIV, ainda tem muita gente achando que não precisa se cuidar. Mesmo sabendo que esse vírus é transmitido por relações sexuais sem o uso da camisinha e por sangue contaminado, ainda tem gente que usa drogas injetáveis, compartilhando seringas usadas e dispensa a camisinha na hora da transa. Além desses comportamentos que colocam as pessoas em situações de risco de se infectar com o HIV e outras DST’s, existem outros fatores que contribuem para uma maior ou menor exposição, como a falta de informação, a dificuldade de ter a camisinha na hora “H”, porque não conseguiu pegar nos serviços de saúde, por exemplo, os tabus e mitos em torno da sexualidade, as crenças e valores individuais etc (BRASIL,2010, p.29).

Dessa forma, cabe ao professor em parceria com a comunidade escolar desenvolverem práticas formativas que contribuam para a reflexão sobre o assunto educação sexual no espaço escolar. A utilização do material didático-pedagógico – a dinâmica, foi de grande relevância, como afirma o aluno “E” considerando que *“ficou fácil entender como essas doenças passam de uma pessoa para outra”*. Portanto, vimos que os instrumentos pedagógicos, tanto o diálogo como práticas formativas de forma lúdica, contribuem para que as abordagens de determinados temas sejam consideradas relevantes pelos alunos, conduzindo-os a entenderem tais aspectos que serão fundamentais para sua prática social.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema educação sexual em muitas escolas ainda encontra-se desvinculado da realidade de muitos alunos. A iniciação da atividade sexual cada vez mais cedo pelos adolescentes sem medidas preventivas vem chamando a atenção das organizações de saúde, no sentido do grande número de doenças que podem ser adquiridas. Constatou mediante as falas dos estudantes, sujeitos da pesquisa que, a abordagem promovida em sala de aula foi de grande relevância no que diz respeito à informação e formação destes sobre educação sexual. No entanto, ficou evidente que alguns estudantes, mesmos conscientes dos riscos à saúde, não mudaram suas concepções sobre o tema.

Portanto, considerando a realidade investigada entendemos que, mais trabalhos em parceria entre comunidade escolar e família possam ser desenvolvidos no sentido de cuidar da saúde de seus filhos e estudantes orientando-os, afinal são adolescentes em processo de construção de sua identidade, e essa formação é condição *sine qua non* para todos.

REFERÊNCIAS

AMAUGO, L.G. et al. *The effectiveness of HIV/AIDS schoolbased health education programmes in Nigeria: a systematic review*. Health Educ. Res., v.29, n.4, p.633-648, 2014.

BRASIL. **DST's atingem mais de 10 milhões de brasileiros, diz Ministério da Saúde, 2008**. Disponível em: <http://g1.globo.com/noticias/brasil/0,,mul1271014-5598,00-dsts+atingem+mais+de+milhoes+de+brasileiros+diz+ministerio+da+saude.html>. Acessado em: 03 jul. 2016.

_____. Ministério da Saúde. **Coordenação Nacional de DST e Aids Manual do multiplicador: adolescente / Ministério da Saúde, Coordenação Nacional de DST e Aids**. Brasília : Ministério da Saúde, 2000.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parametros curssculares nacional: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília, 1998.

_____. Secretaria Municipal de Saúde. **Prevenção das DST: HIV e Aides**. Brasília – DF: ed Premium, 2010. 29. p

DYSON, S. *Parents and sex education: parents attitudes to sexual health education in WA schools*. Melbourne: Department of Health, La Trobe University; 2010.

FONNER, V.A. *School based sex education and HIV prevention in low-and middle-income countries: a systematic review and meta-analysis*. Plubic Library Scie., v.9, n.3, p.1-70, 2014.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Gil, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. ed.



GROFF, A. R.; MAHEIRIE, K.; OLIVEIRA, P.; MENDES, S. P. A educação sexual e a formação de professores/as um convite ao dissenso. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Bragança – Portugal, v.10, n. esp. p.1431-1444, 2016.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios**, Rio de Janeiro, 270 p., 2011.

_____. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012**, Rio de Janeiro, 256 p., 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATICKA, T.E.; MUNGWETE, R.; JAYEOBA, O. *Replicating impact of a primary school HIV prevention programme: primary school action for better health, Kenya*. Health Educ. Res., v.29, n. 4, p.611-623, 2014.

MENEGUETTI, A. D.; GOMES, W. B. **Ser adolescente: um estudo sobre as percepções, dilemas e reflexões adolescentes na família e na escola**. Erechim, RS: EDIFAPES, 2004.

MUROYA, R. L.; AUAD, D.; BRÊTAS, J. R. S. Representações de gênero nas relações estudante de enfermagem e cliente: contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. **Rev Bras. Enferm.**, Brasília, Brasil, 2011; 64(1):114-22.

SILVA, Aniel de Sarom Negrão et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Rev Pan-Amaz Saúde** [online]. 2015, vol.6, n.3, pp.27-34. ISSN 2176-6223.

SCHALET, A.T. *Invited commentary: broadening the evidence for adolescent sexual and reproductive health and education in the United States*. *J. Youth Adolesc.*, v.43, n.10, p.1595-1610, 2014.

SCHOELZE, M.; DIAS, A. C. G. A percepção dos adolescentes sobre suas conversas com os pais. *Disciplinarum Scientia, Série: Ciências da Saúde*, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 135-154, 2004.

STRADIOTTI, K. M. et al. Percepção de Estudantes do Ensino Médio Quanto a Palestras Sobre Educação Sexual em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. **UNOPAR Cient., Ciênc. Human. Educ.**, Londrina, v.16, n.esp., p.423-427, 2015.

STURION, L.; REIS, M.C.; GONÇALVES, C.M. Impactos da utilização das tecnologias e comunicação no processo de ensino e aprendizagem da matemática. *Unopar Cient. Ciênc. Hum. Educ.*, v.16, n.3, p.180-186, 2015.